

Verba para a saúde é insuficiente

Até o final desta semana, o Governo do Distrito Federal terá definido o montante e a origem dos recursos que buscará para a grande reforma do Hospital de Base. O problema é que toda a rede hospitalar pública está deficiente e os 26,5 por cento do orçamento que o GDF investe são insuficientes para deter o processo de deterioração do setor.

A informação foi prestada ontem pelo secretário de Governo, José Carlos Mello, acrescentando que o GDF iniciará este ano um amplo trabalho de recuperação da saúde pública, a partir da reforma do HBB. Até o momento, estão estimados apenas os recursos a serem consumidos pelas obras físicas, da ordem de Cr\$ 90 milhões, destinados a corrigir a infiltração de água que compromete as paredes e a própria estrutura do hospital.

Médico quer treinamento

As reformas do Hospital de Base não devem ficar somente na parte física. O fundamental é restruturar e reformular todas suas rotinas de funcionamento. O tempo em que ele estiver fechado deve servir para estudos e reflexões a fim de que se possa restabelecer as rotinas básicas de funcionamento de um hospital, que fizeram do HBB estabelecimento modelo quando de sua criação há 26 anos. É preciso, ainda, reeducar a população para que procure menos os hospitais, e repensar o sistema de saúde.

É este o pensamento do médico Inácio Republicano de Oliveira, do Hospital Sarah Kubitschek, do Instituto de Tecnologia Alternativa do DF e da Comissão de Reformulação da Medicina no DF. É necessário, ainda segundo ele, mudar o relacionamento entre os pacientes e prestadores de serviços de saúde, deixando de lado vícios e preconceitos. A medicina de Brasília terá na reinauguração do HBB, se com ela vier uma mudança de mentalidade, a oportunidade de recuperar seu prestígio. "Valores não faltam, o que ocorre é um mau aproveitamento do pessoal disponível", disse ele.

MUDAR PELA BASE

De acordo com Inácio de Oliveira, o HBB, embora esteja equipado para aplicação de tecnologias das mais sofisticadas, não leva em conta o básico em termos de higiene. Assim, intervenções que requerem tecnologia das mais avançadas, como transplantes cardíacos e renais, cirurgias coronarianas e neurológicas, são feitas sem que se atente para as menores condições de higiene hospitalar, fundamentais para seu pleno êxito.

Cita como exemplo o uso nos centros cirúrgicos de botas de pano sobre sapatos contaminados, que se estiverem molhados transmitem a contaminação para o ambiente. Não existe a preocupação com o uso de máscaras, que fica resumido ao momento da cirurgia quando deviam ser usadas permanentemente por todos que circulam pelo Centro Cirúrgico.

Outra falha apontada por Inácio de Oliveira se refere à rotina no tratamento de curativos contaminados, estendida à de curativos cirúrgicos. "Muitas vezes", prossegue, "o doente chega ao hospital com um tipo de infecção, se cura dela e sai com outras três ou quatro diferentes". Não há preocupação quanto ao material utilizado por um doente e outro. São colocados doentes num mesmo leito ou maca sem proceder à higienização entre um e outro. Inácio lembra que nos hospitais onde o nível de infecção é baixo, usa-se centrais de higienização para equipamentos e leitos. Quando um donete tem alta o material utilizado vai para a central de higienização de modo que o que vier em seguida receba o leito higienizado e não sofra riscos de contaminação.

Outra reformulação necessária no HBB, segundo Inácio de Oliveira, diz respeito ao relacionamento das equipes com os doentes. Os prestadores de ser-

ORIGEM

José Carlos Mello explicou que os recursos da saúde no DF têm dois perfis: aqueles destinados ao pagamento de pessoal (médicos, enfermeiros, assistentes, auxiliares etc.) provêm da União e são repassados pelo Ministério do Planejamento; os destinados a investimentos e outros gastos são oriundos do próprio orçamento do GDF, da Fundef e de recursos externos.

Este ano o GDF está gastando 26,5 por cento do seu total de despesas orçamentárias com o item saúde pública (investimentos, manutenção e compra de medicamentos). Apesar do salto quantitativo e qualitativo em relação aos governos anteriores, o secretário de Governo reconheceu que esses recursos ainda estão muito abaixo do necessário para sanear os problemas do setor, agravados durante décadas.

viço têm de acompanhar de perto a história natural da doença. É comum a repetição da prescrição médica, sem que se observe a evolução natural da doença. Esta prática contribui para o desequilíbrio da capacidade de defesa do doente. Há, no HBB um afastamento total do doente da equipe que o assiste. As enfermarias ficam distantes dos postos de enfermagem. O médico prescreve medicamentos sem observar o doente, que muitas vezes tem seu estado alterado sem que a equipe saiba o que está se passando com ele", afirmou.

Inácio de Oliveira lembra que no Sarah, cuja implantação participou como presidente da comissão, tendo ainda sido seu diretor-geral e cirurgião-chefe, este problema foi resolvido com a instalação do posto de enfermagem no centro da enfermaria, o que possibilita uma visão de todos os doentes. Com isto, diminui o número de componentes da equipe, tornando-se o sistema mais eficiente e evitando-se que seus integrantes se omitam durante o plantão.

Inácio de Oliveira considera que o prazo de seis meses, estabelecido a princípio para a execução das obras no HBB, um tanto otimista, diante do que tem de ser feito. Todo tempo que exceder este prazo será válido, para que o HBB seja reaberto da forma ideal e se recupere da decadência física e tecnológica em que caiu. Seu êxito irá extrapolar para toda a rede hospitalar. Inácio acha bom que o HBB tenha parado suas atividades momentaneamente. Os valores humanos ali existentes estavam se desgastando em virtude da desorganização que imperava.

O médico considera, ainda, necessário a reorganização do sistema de saúde de Brasília como um todo. "Ele começou errado", diz Inácio, "bastando lembrar que os hospitais vieram antes da Fundação Hospitalar e só depois de sua criação surgiu a Secretaria de Saúde. É preciso que a população deixe de ver nos hospitais a primeira alternativa para seus males". Ele acha que o funcionamento dos Centros de Saúde, voltados para a comunidade, devem ser incentivados fazendo com que deixem de ser simples extensões dos hospitais.

A reformulação do sistema hospitalar tem de trazer um sistema de Saúde Pública mais dinâmico, que faça a população adoecer menos e que dê o primeiro atendimento aos casos mais simples nos Centros Médicos.

Assim, se tumultuará menos os hospitais, tornando-os mais eficientes nos momentos bastante necessários.

A população tem de ser reeduca, principalmente quanto ao uso abusivo de medicamentos que traz prejuízos à saúde, além de onerar a administração. Em um semestre foram consumidos 1 milhão e 200 mil comprimidos de aspirinas e 32 mil frascos de penicilina no HBB. Isto em casos simples, mas por imposição dos doentes que não se conformam em sair do hospital sem tomar um remédio.